

2º DOMINGO DA QUARESMA – ANO C

TRANSFIGURAÇÃO

As leituras deste 2º Domingo da Quaresma, nos leva a um tema central que é a Aliança, centro da história da salvação.

A 1ª leitura tirada do Livro do Genesis, podemos dividi-la em duas partes; a primeira parte do texto inicia-se com Deus a responder a Abraão e garantir-lhe uma numerosa descendência “como as estrelas do céu”. Até o momento Abraão ainda não tinha filhos. Abraão contanto acreditou em Deus e, por isso, Deus o considerou justo. A fé aqui traduz uma atitude de confiança total, de aceitação radical, de entrega plena aos desígnios de Deus. Não somente a garantia de uma numerosa descendência, mas também a conquista da terra.

Na segunda parte, Deus quer fazer uma aliança com Abraão, e o instrui a fazer os preparativos de um cerimonial. Aqui percebemos um ritual antigo utilizado por numerosos povos antigos: cortavam-se os animais ao meio, e colocavam as partes frente a frente, quem subscrevia a aliança passava entre as duas metades dos animais e pronunciava contra si próprio uma espécie de maldição, para o caso de ser responsável pela quebra do pacto. Abraão faz os preparativos e aguarda o Senhor. Com a demora da vinda do Senhor, começa a espantar as aves de rapina, e também chega a um ponto de ter sono, como se houvesse um turbilhão dentre de si; será que o Senhor virá? Será que valeu a pena ter sacrificado todos esses animais? Porém, Abraão não se deixa esmorecer, não perde sua confiança e acredita na Palavra do Senhor.

Deus vem ao encontro de Abraão e, em forma de um braseiro fumegante e uma tocha de fogo passou entre os animais. Confirmando assim sua Aliança com Abraão, acentuando que seu compromisso é solene e irrevogável. A promessa de Deus fica assim totalmente garantida. E é importante notar que Deus não exigiu nada de Abraão, em troca, nem Abraão teve que passar no meio dos animais mortos (somente Deus passou, no fogo ardente). A promessa de Deus é, pois, totalmente gratuita e incondicional, pois encontrou em Abraão a fé e por isso, se liga a ele.

No início do Evangelho, aonde Lucas nos relata a Transfiguração do Senhor, notamos uma forma diferente de iniciar o texto; não vemos a formula habitual de vários textos: “Naquele tempo...” – No texto de hoje

encontramos “Cerca de oito dias depois...” – Com efeito, em todos os três evangelhos sinóticos, Mateus e Marcos falam de seis dias e Lucas fala de mais ou menos ou cerca de oito dias – o que não é sem razão, que se estabelece uma das raras ligações cronológicas entre este relato e o relato da confissão de fé de Pedro e do primeiro anúncio da Paixão e Morte de Jesus. Uma ligação de grande alcance teológico; por um lado, a fé de Pedro é confirmada e ilustrada de forma singular com a glória divina que Jesus manifesta na sua Transfiguração; por outro lado indica-se que a Cruz é o caminho da glória, como para Jesus, assim para os seus discípulos.

Lucas é o único dos Evangelistas que diz que Jesus subiu ao monte para orar, e que ali se alterou o aspecto de seu rosto. Lucas em todo seu evangelho quer sempre resaltar que Jesus sempre se afastava, ou alvorecer, ou ao entardecer ou mesmo durante a noite para orar. Hoje leva com ele três de seus discípulos Pedro, João e Tiago.

Também percebemos nesse episódio da Transfiguração, diversas referências ao Antigo Testamento; o Monte – situa-nos num contexto de revelação (é no monte que Deus se revela e que faz aliança com o seu Povo) – a mudança do rosto e as vestes de brancura resplandecente recordam o resplendor de Moisés, ao descer do Monte Sinai – a nuvem indica a presença de Deus conduzindo seu Povo através do deserto.

Aparecem dois homens conversando com Ele, Moisés e Elias – que representam a Lei e os Profetas – personagens que, de acordo com a catequese judaica, deviam aparecer no “Dia do Senhor”, quando se manifestasse a salvação definitiva. Estavam falando com Jesus sobre seu Êxodo, sua morte que se daria em Jerusalém – Lucas é também o único que faz alusão ao que Jesus conversava com Moisés e Elias – e que esse tema da morte é vista por Lucas como uma morte libertadora, que trará o Povo de Deus da escravidão para a terra da liberdade. Portando a mensagem fundamental é que Jesus é o Filho Amado do Pai, o Eleito, através de quem o Pai oferece aos homens uma proposta de aliança e de libertação. O Antigo Testamento (Lei e Profetas) e as figuras de Moisés e Elias apontam para Jesus e anunciam a salvação definitiva que Nele, irá acontecer. Essa libertação definitiva dar-se-á na cruz, quando Jesus cumprir integralmente o seu destino de entrega, de dom, de amor total. É esse o novo êxodo, o dia da libertação definitiva, da salvação do Povo de Deus.

O sono dos discípulos, que ouvimos no texto, é simbólico; os discípulos dormem porque não querem entender que a glória do Messias tenha que passar pela experiência da cruz e da entrega da vida; a proposta de Pedro da construção das Tendões (alusão à Festa das Tendões, em que se celebrava o tempo do êxodo, quando o Povo habitou em tendões, no deserto) parece significar que os discípulos queriam deter-se a aquele momento de revelação gloriosa, de festa, ignorando o destino de sofrimento de Jesus.

Quando ainda falava Pedro, uma nuvem desceu e os cobriu com sua sombra e uma voz veio do meio da nuvem: “Este é o meu Filho, o Eleito, ouvi-o sempre”. A Transfiguração é um confirmar da fé daquele núcleo duro dos Doze, as colunas do Colégio Apostólico; assim, o próprio Pai apresenta Jesus como o seu Filho, o Eleito. Lucas diferentemente de Mateus e Marcos, não utiliza “meu Filho Amado”, mas Eleito, que é mais uma forma (e mais clara) de designá-lo como Messias. Comenta S. Tomás de Aquino: “Apareceu toda a Trindade, o Pai na voz, o Filho no homem, o Espírito na nuvem luminosa”.

Como na primeira leitura, no evento da Transfiguração, Deus faz uma nova aliança com seu Povo, diante de Moisés e Elias, a Lei e os Profetas, diante de Pedro, João e Tiago, uma nova aliança em seu Filho Jesus, o Eleito. Não temos mais o sangue de animais, mas agora o sacrifício, o sangue a ser derramado será o de seu próprio Filho. Por isso, todo aquele que crê em seu Filho, encontrará a libertação e a salvação.

É diante deste contexto de fé em Jesus Cristo, que o Apóstolo Paulo exorta os fiéis da comunidade de Filipos, a viverem a fidelidade a fé em Jesus. Paulo não somente exorta a imitar a Cristo, mas oferece-se a si mesmo como modelo de fidelidade ao evangelho. Paulo tem todo direito de fazê-lo, pois está prisioneiro por causa da Palavra que anunciou. Chama a atenção da comunidade a ficarem alertas contra aqueles que se comportam de modo diferente ao Evangelho, provavelmente está falando dos judaizantes, que se apegam nas leis judaicas, opondo-se ao valor salvífico da paixão do Senhor. Estão mais preocupados com a circuncisão, com o que pode ou não comer, do que com a vivência pura da fé em Jesus.

Paulo é modelo às comunidades, pelo caminho da cruz que escolheu. Muitos outros escolhiam o caminho da facilidade, do comodismo e da glória pessoal. Paulo, ao contrário, escolheu o caminho da humilhação, do sofrimento, do esvaziamento de si próprio. Nesse

sentido, o apóstolo, como discípulo que era, reproduzia em si os mesmos sentimentos que havia em Jesus. Assim é ser discípulo: trazer na própria vida as marcas/características que lembram o próprio Cristo. Cada discípulo, de fato, pela aliança com Deus pelo Batismo, deveria reproduzir em si mesmo, em seu modo de viver, os sentimentos que havia em Jesus. Dessa forma, seremos modelos uns para os outros.

Por isso queridos irmãos e irmãs, a Transfiguração de Jesus não deixa de apontar a nossa própria transfiguração pela graça do Espírito do Senhor, como diz Paulo em sua segunda carta aos Coríntios (3,18): “todos nós..., que refletimos como num espelho a glória do Senhor, vamos sendo transformados na sua própria imagem, cada vez mais gloriosa...”.

Queridos, que neste segundo Domingo da Quaresma, sejamos convidados à confiança plena em Deus, a uma fé inabalável, como a fé de Abraão; como a profissão feita por Pedro: “Tu és o Messias, O Cristo de Deus”; como Paulo que se entrega plenamente a vivência pura da fé, renunciando a si mesmo.

Todos eles homens de oração, por isso, só que reza, isto é, quem se confia a Deus com amor filial, pode entrar na vida eterna. A oração queridos irmãos, não é um acessório, um opcional, para os nossos momentos de sofrimento, desesperos, mas, uma questão de vida ou de morte. Quem reza e se confia a Deus com amor filial, pode entrar na vida eterna, que é o próprio Deus.

Que durante esse tempo de Quaresma, deixemo-nos transformar, transfigurar através de nossa oração, de nossa confiança plena em Deus. E que Maria, Mãe do Verbo Encarnado e Mestre de vida espiritual, nos ensine a rezar como fazia seu Filho, para que a nossa existência seja transformada pela luz de sua presença. AMÉM